



LITERATURA

SETENTA ANOS DE 1984

1984, uma das mais importantes distopias do século XX, cuja primeira edição foi publicada em 1949, completa setenta anos em 2019. Trata-se da obra mais conhecida de George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, jornalista, ensaísta e romancista nascido na Índia (então colônia inglesa), crescido na Inglaterra, e autor de outros livros importantes como: *A revolução dos bichos*, *Dias na Birmânia*, *A flor da Inglaterra*, *Caminhos para Wigan Pier*, *Na pior em Paris e Londres*, além de resenhas, cartas e ensaios. Traduzido para mais de 65 idiomas, 1984, está presente em quase todas as listas de livros imprescindíveis da literatura mundial. É uma obra que transcende seu tempo e o mundo das palavras para inspirar inúmeras manifestações artísticas, seja em adaptações no cinema, no teatro e na música.

Nascido em 1903, George Orwell teve uma vida marcada pelos grandes conflitos do século XX. Era adolescente durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), lutou contra os fascistas na Guerra Civil Espanhola (1936 a 1939), quando levou



Foto: Pixabay

Orwell previu mundo repleto de câmeras

um tiro no pescoço. Como correspondente da BBC, viu de perto os horrores da Segunda Grande Guerra (1939 a 1945). Todos esses acontecimentos se refletem nos seus livros, especialmente nos mais famosos como *A revolução dos bichos* e *1984*, notoriamente críticos aos Estados totalitários. Uma crítica que serviu, por exemplo, para que os Estados Unidos tentassem usar *1984* como instrumento de propaganda contra o comunismo da União Soviética no período da Guerra Fria.

Para Fabio Akcelrud Durão, livre-docente do Departamento de Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a obra ultrapassa as dicotomias simplistas de esquerda e direita. “É preciso reconhecer que o Partido descrito por Orwell em *1984* tem semelhanças com os da antiga União Soviética e de seus aliados no Leste Europeu. Entretanto, uma reflexão mais pro-

funda permite observar que a burocracia hoje, principalmente no setor privado, atingiu graus absurdos, como bem mostra o antropólogo norte-americano David Graeber em *The utopia of rules* (2015) e em *Bullshit jobs* (2018). Seria assim factível notar indícios de *1984* também nas democracias liberais e seus regimes de linguagem”, aponta.

O "GRANDE IRMÃO" ENTRE NÓS *1984* não só se mantém contemporâneo, como surpreendente em suas previsões. No romance, todas as pessoas têm a vida literalmente comandada pelo Grande Irmão, líder máximo que assume o poder depois de uma guerra de escala global que eliminou as nações e que resultou na criação de três grandes estados transcontinentais. Orwell descreve cartazes espalhados pelas ruas mostrando a figura dessa autoridade suprema juntamente com o slogan: “O Grande Irmão está de olho em você”. Esse controle é feito por meio das chamadas “teletelas”, espalhadas em lugares públicos e nos espaços mais íntimos dos lares, espécie de televisor capaz de monitorar, gravar e espionar a população. Se imaginarmos o número de monitores nos grandes centros urbanos hoje em dia, além da capacidade da internet de filtrar informações, chega a ser espantoso vislumbrar a capacidade de Orwell de prever esse mundo repleto de câmeras.

Nesse sentido, as declarações do ex-analista da agência de segurança norte-americana Edward Snowden, que revelou a existência de uma rede de espionagem eletrônica por parte dos Estados Unidos, dão a dimen-

são do fato. Em dezembro de 2013, então refugiado na Rússia, Snowden disse ao canal britânico, Channel 4, que todas as pessoas carregam sensores nos bolsos capazes de os denunciarem em qualquer lugar, fazendo referência aos aparelhos celulares.

ESCREVENDO A HISTÓRIA O livro de Orwell retrata uma sociedade onde o Estado se impõe sobre todas as instâncias. Winston Smith trabalha no chamado Ministério da Verdade, departamento responsável por falsificar registros históricos. Dessa forma, além de manipular as informações, repassando ao povo somente fatos positivos da administração central, o Estado interfere também na noção de passado, remodelando a história a seu bel prazer.

Para Durão, o fato mais atual da obra diz respeito “à sistematização e instrumentalização da mentira como elemento político, como material a ser racionalmente explorado com fins de dominação”. Ainda segundo ele, no livro “o desaparecimento total de qualquer lastro para o mundo dos valores, de qualquer resquício da moralidade ou de possibilidade de imaginação criadora nos choca profundamente, porém isso está muito próximo do que vem ocorrendo em relação ao conceito de verdade no campo político, com as chamadas *fake news*”.

1984 antecipou a manipulação da informação como conceito chave na esfera política. “É fato que a manipulação de informações sempre fez parte do jogo político de governos autoritários, como no nazismo, por exemplo, mas a grande diferença é que antes havia alguma noção

da origem das mensagens, que de qualquer modo pertenciam à esfera pública; agora as notícias falsas se originam nos mais diversos espaços, penetrando inclusive, e principalmente, nos círculos pessoais e íntimos. A velocidade e quantidade

assombrosa faz com que sejam ainda mais nocivas, com impactos decisivos nas eleições de candidatos a governos democráticos”, finaliza o pesquisador da Unicamp.

Armando Martinelli

ORWELLIANO

A relevância do tema de *1984* fez com que o nome George Orwell se transformasse em um adjetivo, assim como aconteceu com Dante Alighieri (dantesco), Maquiável (maquiavélico), Franz Kafka (kafkiano) e Marcel Proust (proustiano), entre outros. O termo orwelliano se refere a totalitário, ditatorial ou ainda a um tipo de visão distópica de futuro. O livro também inspirou vários tipos de manifestações artísticas. No cinema são duas adaptações diretas, uma lançada em 1956, com direção de Michael Anderson, e outra em 1984, dirigida por Michael Redford e estrelada por John Hurt, Richard Burton e Cyril Cusack. Além disso, outros filmes são reconhecidamente inspirados no livro de George Orwell, entre eles *Brazil* (Terry Gilliam, 1985), *V de vingança* (James McTeigue, 2005), o documentário *Orwell rolls in his grave* (Robert Kane Pappas, 2003), e o mais recente, *Equals*, lançado em 2016, dirigido por Drake Doremus e estrelado por Kristen Stewart e Nicolas Hoult. David Bowie escreveu a canção intitulada *1984* e, segundo o cantor, o livro foi a inspiração para todas as canções do álbum *Diamond dogs* (1974). Assim como Bowie, a banda de rock britânica Radiohead tem canções inspiradas no livro, como *Karma police* (referência à polícia do pensamento descrita no romance) e $2+2=5$, frase emblemática da cena de tortura realizada com Winston Smith no fatídico quarto 101. Na literatura, a trilogia *1Q84*, do escritor japonês Haruki Murakami, é exemplo de obra assumidamente inspirada do clássico de Orwell. O livro esteve no topo das listas dos mais comercializados no mundo inteiro. Outro sucesso inspirado em *1984* é o programa televisivo chamado *Big brother*, idealizado pelo holandês John de Mol, em 1999. John teve a ideia de criar um *reality show* onde pessoas comuns seriam selecionadas para conviver dentro de uma casa completamente vigiada e sem nenhum contato com o mundo externo. Como em *1984*, quando os participantes do *Big brother* veem a figura do apresentador do programa na tela, o enaltecem da mesma forma que as pessoas do livro fazem com o Grande Irmão.



Cartaz do filme *Brazil*, obra que teve influência de *1984*



À esquerda, Memorial da Paz, em Hiroshima, Japão e, acima, Fortaleza da Ilha de Goreia, na costa do Senegal, transformada em museu cuja proposta é lembrar o tema da escravidão de africanos

TURISMO

POLÍTICAS DE PATRIMONIALIZAÇÃO EVIDENCIAM LOCAIS DE CONFLITO E LUTO

Ilha de Gorée, no Senegal, o maior centro de tráfico de negros escravizados da costa africana. Auschwitz, na Polônia, uma rede de campos de concentração e extermínio. Hiroshima, no Japão, local que foi o epicentro da explosão de uma bomba atômica. Ilha Robben, na África do Sul, onde Nelson Mandela ficou prisioneiro por mais de duas décadas. O que esses locais têm em comum? Além de serem lugares marcados por uma história difícil, todos estão listados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como patrimônio mundial, e recebem anualmente milhares de visitantes. O turismo em locais de memória difícil ou de conflito – também conhecido genericamente como “*dark tourism*” (do inglês “turismo som-

brio”) não é uma prática recente. A Unesco adota políticas de patrimonialização desses locais desde a década de 1970. Porém, a discussão sobre esse tipo de turismo continua em alta. Além disso, se fora do Brasil esse turismo não é novidade, por aqui as políticas para transformar esses locais marcados por conflitos e luto em destino turístico ainda estão engatinhando. “Embora o Brasil tenha muitos locais que possam ser considerados memoriais ou que remetam a passados difíceis ou traumáticos, transformar a visitação a esses lugares em turismo não é uma prática corrente”, explica a historiadora Cristina Meneguello, professora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Na verdade, são dois movimentos

distintos: o primeiro é perceber que esses locais podem ser patrimonializados e auxiliar as futuras gerações a reconhecer momentos condenáveis da história nacional para evitar que aconteçam novamente – o Brasil já caminhou bastante nesses processos, principalmente na última década, nesse sentido. O segundo é ‘turistificar’ esses lugares, torná-los visitáveis, interessantes, apelando a sentimentos de medo ou empatia das pessoas. Esse tipo de ‘turismo do medo’ não é muito comum entre nós, e acho muito bom que não seja mesmo. Entre a conscientização e o desrespeito, é um passo muito pequeno, o que não nos beneficia em nada”, acredita Meneguello.

No Brasil, recentemente, ocorreram os processos de tombamento de instituições de profilaxia da hanseníase (os conhecidos “leprosários”), criadas especialmente nas décadas de 1930 e 1940. Símbolos de políticas segregacionistas, a patrimonialização desses locais permite um olhar diferenciado sobre a história do tratamento desses pacientes e convidam a refletir sobre a luta